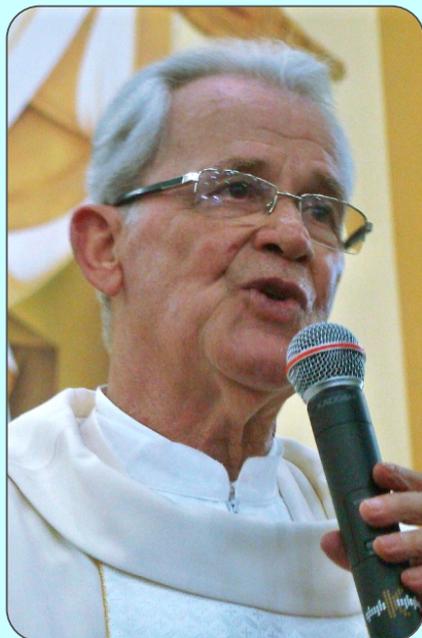




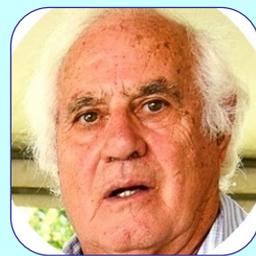
AO MEU (GRANDE) AMIGO Pe. EDMUNDO DA MATA, O BITA (*in memoriam*)

Pe. Edmundo da Mata nasceu em Funchal (Ilha da Madeira) na freguesia da paróquia Nossa Senhora do Monte onde foi batizado.

Em 1949, ano em que foi inaugurado o Seminário Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, chegou o Edmundo vindo do Seminário Menor de Pirapora, na época onde, até aquele ano, estudavam os seminaristas da Arquidiocese de São Paulo para começar o ginásio.



No Ibaté, revelou-se um espírito brincalhão; vivia sempre de bom humor, que lhe serviu para angariar a amizade dos colegas. Esse seu bom humor se revelava nas ocasiões em que cumprimentava os colegas com um assustador tapa nas costas, que, por sinal, não criava animosidade.



Attilio Brunacci*

Amava o futebol e demais esportes. Era goleiro - naquele tempo, "goal keeper". Foi um dos que ajudaram a aterrar e a construir o atual campo de futebol. Deu uma trabalhadeira danada! (a construção do campo, não o Edmundo...)

Nos Jogos Olímpicos do Seminário, realizados no dia da festa de São Luis Gonzaga, Edmundo, como bom atleta, sempre marcava presença. Por exemplo, participava da corrida de revezamento e da luta de travesseiros. Essa modalidade de "esporte" consistia em um tronco de eucalipto apoiado em dois cavaletes em cada ponta. Montados nesse tronco, dois adversários, munidos de travesseiro cada um, se empenhavam em derrubar um ao outro com travesseiradas. Vencia aquele que derrubasse o adversário e conseguisse ficar em cima do "cavalo".

Apesar de toda essa sua vitalidade, mantinha-se circunspecto nos ofícios religiosos e em outros momentos em que os seminaristas permaneciam em recolhimento, tais como os retiros espirituais, a reza do terço, as palestras na capela... Edmundo levava muito a sério tudo isso.

Nos estudos, precisou refazê-los mais dois anos para se preparar melhor e poder enfrentar a Filosofia e Teologia no Seminário Central do Ipiranga.

Não se omitia em participar como figurante nas apresentações teatrais. Todos sabem que nosso "diretor teatral" era o Pe. Constantino, aliás, com muita eficiência. Certa feita, ele preparou uma apresentação da Branca de Neve, um clássico dos Irmãos Grimm. O cenário e a cena consistiam em um pano de fundo com a figura da Branca de Neve e os Sete Anões cantando uma música. Essa figura não tinha rosto. Em seu lugar havia um vazio onde, por trás do pano de fundo, oito figurantes botavam a cara para completar e "dar vida" ao cenário e poder cantar o canto dos anõezinhos. Pe. Constantino escolheu o Edmundo para botar a cara naquele vazio do rosto da Branca de Neve e completar a figura. Para tanto, precisou dar um toque feminino ao seu rosto. Ficou quase perfeito, ou melhor, no conjunto da obra, a cara do Edmundo acabou parecendo mais o focinho de uma cabrita do que o semblante da Branca de Neve, daí a origem do seu apelido "Bita". Assim, a figura da "madrinha" dos anões fez sucesso em meio aos seminaristas.

Uma outra peripécia que merece registro: Certa ocasião, esse nosso colega estava acamado devido a dores horríveis no joelho. O Seminário sempre tinha um seminarista que se fazia às vezes de enfermeiro para cuidar de pequenos problemas de saúde dos colegas. Nessa ocasião



era o Ari Joly que fora chamado a fazer massagem no local das dores no joelho. Como também o "enfermeiro" era chegado a uma falcatura, não deu outra: surgiu a oportunidade de sacanear o Bitá, ou seja, o Joly iria forçar exageradamente a massagem no joelho lesado, obrigando o doente a sentir mais dores ainda. Acontece que enfermo e enfermeiro se conheciam muito bem; os dois se entendiam. Então, o enfermo simplesmente ofereceu o joelho saudável, não a parte lesada, e o enfermeiro massageava sem fé nem piedade o joelho errado, "forçando" nosso protagonista a soltar fingidos gritos de dores. Esses eram os futuros padres daqueles tempos!

Edmundo concluiu os estudos do Seminário Menor em 1956. No ano seguinte, ingressou no Seminário Central do Ipiranga. Concluiu os cursos de Filosofia e de Teologia e ordenou-se presbítero no dia 8 de dezembro de 1963, dia de festa da Imaculada Conceição, Padroeira do Seminário. Foram seus colegas de ordenação os ibateanos Aquiles Pacceli de Oliveira Pinheiro, João Barizon Sobrinho (falecido), José Lui e Osvaldo Giuntini. Uma vez ordenado padre, foi nomeado vigário auxiliar da paróquia Nossa Senhora do Ó, no bairro com o mesmo nome. Lá, foi ajudar o pároco, Pe. José Maria Fernandes Colaço, que tinha sido professor no Ibaté desde a época de sua fundação em 1949. Nessa paróquia não ficou muito tempo, pois logo foi indicado como pároco da paróquia São Luis Gonzaga, no bairro do Jardim São Luis (de "jardim" não tinha nada), periferia da Arquidiocese de São Paulo.

Uma pequena igreja dedicada a São Luis Gonzaga, no morro e semiabandonada, com muita pobreza e significativa densidade demográfica, esse era o cenário onde o Pe. Edmundo iria exercer sua função pastoral e mostrar predisposição para se colocar a serviço de um povo cheio de problemas sociais e econômicos. Na época, o bairro também tinha a fama de violento e de bandidagem.

Com o mesmo espírito brincalhão e bom humor sempre vivido no Ibaté, não demorou muito em demonstrar a que veio e, logo, logo, começou a pôr em prática o que aprendeu nos tempos de formação nos seminários, formação que, por sinal, não conseguiu sufocar sua capacidade de fazer baderna nos mais inesperadas circunstâncias. Lembro-me de uma. Estávamos em Itaici no retiro do clero da região de Santo Amaro. Eram os idos de 1965. Os quartos foram invadidos por uma nuvem de pernilongos e, no corredor, nas imediações de cada quarto, havia uma bomba de flit a serviço dos padres. Pe. Edmundo e eu como cúmplice, na surdina, trocamos o conteúdo das bombas. Não ficamos sabendo se os pernilongos morreram. Só sabemos que, no dia seguinte, os padres estavam se queixando do cheiro de urina que saía do pulverizador.



Orquidário do Seminário Central dos anos de 1960
José Lui (Caipira) & Attilio (Caridade) & Nogueira (Jabá) & Edmundo (Bitá)

Começando pela construção do templo, não descuidou dos serviços religiosos. Assim, aos domingos, com o passar dos anos, as três missas daquele padre brincalhão acolhiam um número cada vez maior de fiéis. Aconteciam, então, os batizados, os casamentos, a catequese e o atendimento aos enfermos.

Com o tempo - sempre a serviço daquele povo sofrido - foi organizando encontros, cursos de informática para o mercado de trabalho, festas juninas, churrascos, espetáculos teatrais com os jovens... Criou um soberbo coral que abrilhantava, a cada domingo, as missas das 10 hs. Com bom trânsito entre os políticos da época, obteve significativas melhorias para o bairro, como asfalto, plantio de árvores, iluminação, saneamento. Por sinal, a rua da igreja passou a ser chamada Rua Antonio da Mata Júnior, uma homenagem a seu pai.

A igreja, com um estilo arquitetônico singelo, foi sendo concluída e resultou num enorme espaço que abrigava uma multidão para celebrar a eucaristia. A bem dizer, e mal comparado, até parecia certos santuários do interior do Brasil. O padre e o templo transformaram-se numa referência para a região. Nunca mais a mídia falou da violência e da ação dos bandidos no Jardim São Luis.

Apesar de suas intensas atividades pastorais e sociais, Pe. Edmundo ainda encontrava tempo para participar dos nossos encontros bienais no Seminário do Ibaté. Lá sempre estava ele levando consigo um grupo de paroquianos.

No ano de 1985, o Vaticano criou a Diocese de Campo Limpo, desmembrando-a da Arquidiocese de São Paulo. Como a paróquia do Jardim São Luis ficava dentro dessa nova administração eclesial, a Arquidiocese de São Paulo de Dom Paulo Evaristo Arns "perdeu" um incansável batalhador.

Pe. Edmundo foi para a Casa do Pai no dia 15 de julho de 2022. Com 87 anos de idade, tinha 59 anos de sacerdócio dos quais 57 na paróquia do Jardim São Luis.

Edmundo, o Bitá, um saudoso colega ibateano!

(*) **ATTILIO BRUNACCI (49/55) – Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: “Grazie Tante”, autobiografia, “São Paulo na Frente pelo Trabalho” e “Cetesb: 25 anos”. Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. busfe@hotmail.com**

ORAÇÃO INTER-RELIGIOSA

Espaço marcado por entrelaçamento entre poesia e mística. Por meio de orações de mestres espirituais de diferentes religiões, mergulha-se no Mistério que é a absoluta transcendência e a absoluta proximidade.

Hafiz é um poeta lírico e místico sufi.

Nascido de pais humildes, em Shiráz, na Pérsia, na primeira metade do século XIV, 1310.

Suas obras podem ser encontradas nas casas da maioria dos iranianos, que aprendem seus poemas de cor e os usam como provérbios e ditados até hoje, e tem influenciado a literatura persa pós-século XIV mais do que qualquer outra coisa.

Conforme a lenda, ele trabalhou no começo da vida como aprendiz de padeiro. Passou quase toda a existência como alvo ora dos favores, ora dos desgostos dos reis persas, na terra natal, onde morreu em 1389. É conhecido como *rouxinol de Shiráz*. Avet deve a ele o seu renome. O poema foi retirado do livro de Aurélio Buarque de Hollanda, *Os Gazéis de Hafiz*, publicado pela Livraria José Olímpio do Rio de Janeiro, em 1944, pág. 53.



A primavera.

Ei-la, que volta.

A Primavera

Com o encanto das rosas.

Contempla-lhe as faces frescas.

E a planta amarga da tristeza se desenraizará do teu coração.

Chegou o doce vento do Oeste

A rosa, que é o que o sopro desfalece, dilacerou as vestes gloriosas.

Oh, coração,

pede à água transparente a ciência da verdade!

A noiva da rosa, com suas joias e seu sorriso cativou seu coração e arrebatou-lhe a fé.

E, apaixonado, o rouxinol canta o seu canto de amor e alegra-se, revendo a rosa,

enfim, liberta de sua larga tristeza.

A brisa com suas ágeis mãos emaranhou as tranças da rosa.

Desanelados, os cabelos do jacinto

caem molemente sobre o rosto do jasmim.

**NÃO DEIXE O NOSSO
ECHUS DO IBATÉ
MORRER !**

É de conhecimento público que o *Echus* vive de doações e trabalho voluntário. Ele existe, simplesmente porque seus leitores o adoram não perdem dele uma só leitura... queixam-se quando ele se atrasa e gostariam muito de que ele fosse editado não de dois em dois meses, mas mensalmente, pelo menos. Além disso, esse jornal é o fator de unidade da gloriosa *Turma do Ibaté*, pois ele promove e alimenta boas expectativas de convívio e amizade e é carregado de muitos significados para o coração e para a vida de todos os seus membros.

Vive tu, *Echus do Ibaté*, para o consolo dos homens!

E como fazê-lo?

Não é nada difícil: com valores pequenos, valores médios, valores altos. Faça doações! Sem elas, nada feito, e o *Echus* não sobreviverá. Seu diagnóstico atual é bastante sofrível, deveras. E o prognóstico, nem falar... pelo andar dessa carruagem, ele não conseguirá nem mesmo se aproximar do Saboó, pois suas pernas estão muito fracas. A subida desse sagrado morro

encontra-se quase rente ao universo das impossibilidades. E sempre lá, do alto dessa montanha, que costumamos anunciar e convidar a todos para que participem de nossos também sagrados *Encontros Bi-anuais*, que, ali já se aproximam... observe que em breve será iniciada a tradicional contagem regressiva. Será que conseguiremos?? Sim, continue com as doações, não pare, não. No entanto, temos uma sugestão, sobretudo para aqueles que sentem o desejo de colaborar, mas que têm dificuldade em colocar isso em ação: autorize seu banco, pessoalmente ou pela Internet a realizar um débito automático de sua conta pessoal e creditar esse valor na conta do *Echus do Ibaté*. Faça com que isso ocorra mensalmente, e que o valor lhe seja acessível. Decida o *quousque tandem* ou siga o exemplo de alguns colegas, aplicando por *sine die*. Dessa forma, seu desejo de contribuir será atendido, você não se sentirá em falta e esse instrumento que poderá ressuscitar e continuar cumprindo sua função de alegrar todos nós. Experimente! Aceite nossas sugestões. Todos ficarão satisfeitos e não mais seremos afogados por esse sentimento de abandono e ameaças constantes de morte.

Eis os dados bancários:

Banco Bradesco (237), Ag. 3191, Conta corrente 14399-5, Em nome de Carlos Domingues Cosso, CPF 024.626.218-49

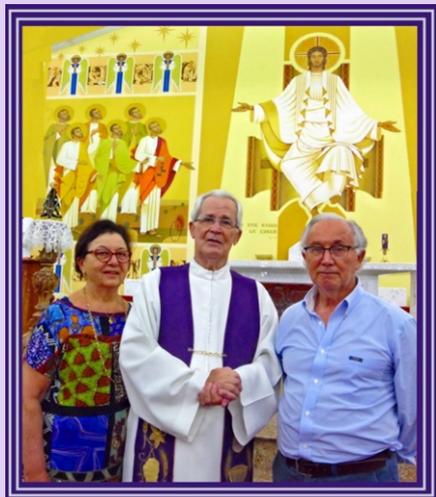


Somos gratos!

EDMUNDO DA MATA, UM IMORTAL

Amigo do Povo!

José Jorge Peralta *



1. Voltamos a falar sobre a **luz que iluminou** a vida de um dos grandes apóstolos de Cristo, em nosso tempo e perto de nós! Voltamos a falar das eternas lições de vida, que o Pe. **Edmundo da Mata** nos legou.

Há sete dias (7), este **apóstolo** do século XX e XXI, deixou a sua gente. Mas sabemos que, da Casa do Pai, para onde foi, continua a velar, por sua gente.

Foi Cristo quem nos garantiu: “*Quem crê em mim, ainda que morra, viverá eternamente!*” “*O que crê em mim, não morrerá!*”. (Jo 11:25-26)

Pe. Edmundo, exerceu o ministério apostólico, no Jd. São Luiz, por quase 60 anos (25/10/1964 a 15/07/2022). Antes trabalhou, em outras paróquias. Viveu a sua vida inteira, para dar mais vida ao Povo de Deus! Sua obra evangelizadora deixou o mundo melhor e sua gente mais feliz, mais cordial!

Para Edmundo, a sua **Paróquia** era uma **grande família!** Terra de gente, amiga, de gente que se estima como irmãos, de gente que se quer bem! Foi essa comunidade solidária que fez, sob sua inspiração e estímulo, aquele **templo monumental**, que lá está, como testemunho de fé, para a posteridade!

2. **Grande e imortal** missionário, de quem o seu povo jamais esquecerá!

De suas **lições de vida**, o seu povo sempre recordará!

Edmundo foi **Mensageiro do Evangelho**, da Luz!

Edmundo foi arauto discreto e eficaz de um mundo melhor!

Para o povo de toda a região e de todas as paróquias onde trabalhou, **Pe. Edmundo** foi sempre um **benemérito protetor** e inspirador incansável!

Sempre atendeu, prontamente, aos necessitados de uma **palavra amiga**, de uma palavra de estímulo, de uma **palavra de esperança**, para vencer as dificuldades da vida, no dia a dia!

Pe. Edmundo cuidou tanto da vida social e humana como da vida espiritual do seu povo! Ele é um exemplo de vida e de dignidade! Assim é o legítimo pastor de sua gente!

Palavras e gestos amigos nunca lhe faltaram, para quem dele precisou! Ele levou força de vontade e alento, para toda a gente, por toda a sua vida!

Ele foi a imagem de **Cristo** vivo, na terra! Foi sempre um homem de fé e de esperança, de muita coragem e persistência!

Foi a imagem e a **Mensagem do Evangelho**, em toda a parte onde atuou! Foi um homem do Espírito e de ação!

3. Edmundo foi um grande **amigo das famílias!** Um missionário **incansável!** Foi um operário do bem!

Tratava a todos como discípulos, como irmãos e companheiros de viagem! No **barco da vida**, na sua Paróquia, Edmundo sempre foi o timoneiro atento e capaz!

Para toda a gente que o conheceu, o Pe. Edmundo da Mata sempre foi um homem abençoado por Deus, e uma lembrança imortal, para este tempo, tão carente de gente, forte de espírito.

Foi luz para muita gente! A **Luz de Cristo**. A **Luz da Vida!** A Luz do bem, num mundo atordoado, com mentiras, falcaturas e falsidades! A Luz que não se apaga!

Sua presença e sua lembrança sempre foi e será **marca de esperança** e de muita fé!

Esperança, coragem, benevolência e confiança, foi o que de melhor **distribuiu a seu povo**, durante toda a sua vida.

4. **Edmundo** foi um homem inspirado e dedicado! Um **mestre da vida** e da benquerença.

Foi um mestre que ensinou ao povo as **grandes lições do Evangelho da Luz!**

Foi um pregoeiro da Paz!

Ele sempre será uma lição de vida e de dignidade para todos os cristãos; para as pessoas que lutam pelo bem da humanidade!

Ajudou a construir um **mundo melhor**, sempre, onde atuou! Ajudou a construir um **mundo de Paz, de Esperança e de Alegria!**

Onde pressentiu trevas, sempre levou a Luz e a Fé! Zelou pela dignidade humana de toda a gente!

Edmundo faz parte de uma pleiáde imensa de **Mensageiros**, de Apóstolos do Evangelho.

Como **Moisés** de braços abertos, assim são as forças de todos os que lutam pelo bem da humanidade nas batalhas do dia-a-dia! (Ex. 17:11-13)

Edmundo sabia que a vida é luta renhida; sabia que **viver é lutar!**

Com seu povo foi “à luta”, como Moisés, sem jamais desistir

Assim foi o Mestre maior: Jesus de Nazaré! O Seu Mestre!

A lembrança será, para todos os que o conheceram, **marca de fé e solidariedade**; marca de bonança e de **prosperidade**

espiritual, marca de bem-estar, de bem-querer e de bem-fazer!

5. Pessoas, como o Pe. Edmundo da Mata, precisariam ser eternas, entre seu povo.

Então que seja eterna a sua lembrança e seu exemplo de máxima dedicação a quem precisa de uma palavra, de uma mão amiga, que lhe dê esperança!

Que a sua lembrança seja eterna lição de vida, de amor, de coragem e de esperança!

Seus exemplos de vida o eternizam!

Edmundo foi sempre um pregoeiro da Paz e do Amor; do Perdão e da solidariedade humana!

Edmundo deixou o nosso mundo bem melhor! Fez a sua parte!

Que todos lhe sigam o exemplo, é o que quer o seu Mestre; o Mestre do Evangelho da Luz!

Ele, como muitos de seu estilo, é uma eterna lição de vida! Suas lições de vida são e sempre serão a Luz do Mestre, Luz que não se apaga!

Edmundo dedicou-se, a vida inteira, para recuperar e preservar a dignidade humana de toda a gente!

Grande missão!

Para quem o conheceu, de verdade, sua voz continuará a ecoar, paternal, em sua alma, sedenta, de bem e de luz e de paz!

Notas:

1 Publiquei um longo ensaio sobre, “Apóstolo do Povo, Pe. Edmundo da Mata”, que é um capítulo da obra “Os Pioneiros da História, de São Paulo- Santo Amaro, (obra escrita em 2019, no prelo)

2 Lembro que Edmundo da Mata, esse mestre da Vida, foi aluno do Ibaté. {São Paulo, 21 de Julho de 2022}.

* JOSE JORGE PERALTA, 82 - 1958/59 Professor-Doutor da USP. josejorgeperalta@gmail.com e tribunadosaber@gmail.com



AO NOSSO PRESIDENTE (Ao seminarista Waldemar Waldir de Faria*)



Letterio Santoro*

[Waldemar foi eleito Presidente do Grêmio, cargo a ser exercido em 1959, o que realmente não aconteceu, pois deixou o seminário e foi substituído pelo Antônio Millan. Vários de minha turma participaram, na quarta série, da Academia Cardeal Motta, de que o WW de Faria era o Presidente. Foi um bom amigo e excelente escritor. E em sua homenagem, escrevi esse soneto, quando de sua eleição para Presidente do Grêmio].



Lembras-te ainda, companheiro amigo,
de nossa humilde e pobre Academia?
Era uma bela rosa que surgia,
do sábio Grêmio ao carinhoso abrigo.

Viçosa floresceu e sorridente
gerando novos frutos literários,
por causa dos empenhos grandes, vários
de seu afetuoso dirigente.

Agora que és o chefe deste Grêmio,
que avança com ciclópicas passadas,
em busca do talento audaz do gênio,

conserva-te arrojado e persistente,
pois nessas posições alcandoradas,
sempre serás o nosso Presidente!

São Roque - Ibaté - 1958/1959 -
Extraído da coletânea Vozes Marianas

* WALDEMAR WALDIR DE FARIA (Poeta), 1955/58. Um ícone. Avaliado como um dos mais inspirados poetas do solo ibateano. 07.09.1939 - 19.04.2020. Cidadão de Diamantina-MG que morava em S.Paulo-SP.

** LETTERIO SANTORO, 82, (Tibúrcio) 55/59 – Natural de Fuscaldò Conzenza, Italia, é pedagogo, professor, escritor e poeta. - Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça, onde mora) - 14-3471.1934 - letterios@hotmail.com

Uma pitadinha de

Literatura

A MEMÓRIA AFETIVA

Adélia Prado



A memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos.

Crianças têm o tempo a seu favor e a memória ainda é muito recente. Para elas, um filme é só um filme; uma melodia, só uma melodia. Ignoram o quanto a infância é impregnada de eternidade.

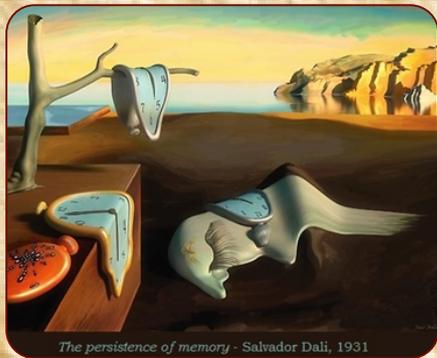
Diante do tempo, envelhecemos, nossos filhos crescem, muita gente parte. Porém, para a memória, ainda somos jovens, atletas, amantes insaciáveis.

Nossos filhos são crianças, nossos amigos estão perto, nossos pais ainda vivem.

Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente. Quando nos damos conta, nossos baús secretos - porque a memória é dada a segredos - estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo.

A capacidade de se emocionar vem daí, quando nossos compartimentos são escancarados de alguma maneira.

Um dia você liga o rádio do carro e toca uma música qualquer, ninguém nota, mas aquela música já fez parte de você - foi o fundo musical de um amor, ou a trilha sonora de uma fossa - e mesmo que tenham se passado anos, sua memória afetiva não obedece a calendários, não caminha com as estações; alguma parte de você volta no tempo e lembra aquela pessoa, aquele momento, aquela época.



The persistence of memory - Salvador Dali, 1931

Amigos verdadeiros têm a capacidade de se eternizar dentro da gente. É comum ver amigos da juventude se reencontrando depois de anos - já adultos ou até idosos - e voltando a se comportar como adolescentes bobos e imaturos.

Encontros de turma são especiais por isso, resgatam as pessoas que fomos, garotos cheios de alegria, engraçadinhos, capazes de atitudes infantis e debiloídes, como éramos há 20, 30 ou 40 anos.

Descobrimos que o tempo não passa para a memória. Ela eterniza amigos, brincadeiras, apelidos.

Mesmo que por fora restem cabelos brancos, artroses e rugas.

A memória não permite que sejamos adultos perto de nossos pais. Nem eles percebem que crescemos. Seremos sempre as crianças, não importa se já temos 30, 40

ou 50 anos.

Pra eles, a lembrança da casa cheia, das brigas entre irmãos, das estórias contadas ao cair da noite... Ainda são muito recentes, pois a memória amou, e aquilo se eternizou.

Por isso é tão difícil despedir-se de um amor ou alguém especial que por algum motivo deixou de fazer parte de nossas vidas.

Dizem que o tempo cura tudo, mas não é simples assim. Ele acalma os sentidos, apara as arestas, coloca um *band-aid* na dor.

Mas aquilo que amamos tem vocação para emergir das profundezas, romper os cadeados e assombrar de vez em quando.

Somos a soma de nossos afetos, e aquilo que amamos pode ser facilmente reativado por novos gatilhos: somos traídos pelo enredo de um filme, uma música antiga, um lugar especial.

Do mesmo modo, somos memórias vivas na vida de nossos filhos, cônjuges, ex-amores, amigos, irmãos.

E mesmo que o tempo nos leve daqui, seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nos amaram.



Colaboração de Roberto Mecélis, 59/60
e João Francisco de Brito Ramalho, 60/62

Mr. Wood no Saboó



Joaquim Benedicto de Oliveira*

Aquele simples morro encravado na paisagem são-roquense aos poucos foi se transformando em símbolo vital para tantos meninos, moleques e nem tanto. A subida do Saboó era digna da condecoração por uma maioria que ia além, muito além, da idade. Era uma subida, verdadeira ascensão aos céus do Ibaté. Tinha sabor de conquista, de progresso, de transformação interior. Era um rito de passagem.

E foi assim que se deu comigo. Naquele tempo, o padre Edmundo da Mata era simplesmente o Bita. Ou ainda era o *Mister Wood* das aulas de inglês do Padre Rui Amaral Melo. O Bita era da divisão dos maiores e eu dos menores. Rigorosamente não havia comunicação diária entre essas divisões. No entanto, em momentos especiais, a separação se afrouxava: nas férias e também nos passeios de que todos participavam. E, dentre estes, se destacava a subida ao Saboó.

Foi assim que, acompanhados e dirigidos pelo padre espiritual, Padre Jair, pelo Reitor Monsenhor Luiz e pelo Padre Vieira, lá fomos para a conquista daquela montanha, espaço que seria posteriormente sacralizado como símbolo material de crescimento em idade e, ao mesmo tempo, imaterial apropriação da espiritualidade, mesmo que apenas presentida naquele momento.



No final da subida, empaquei no último lance. Havia pedras soltas perturbando meus passos e ameaçando meu caminho e que paralisavam minha chegada. Um pouco assustado, parei e assim me distanciei dos demais.

Mas, eis que, nesse momento, o Bita se desloca do grupo e vem em meu socorro. Num instante, e sem qualquer cerimônia, me carrega, me ajeita em seus ombros e me conduz assim até o ápice, lá onde já estavam todos cantando o “Sub Tuum Praesidium”. Na foto que tenho desse passeio, já

emparelhado ao grupo, lá estou eu nos ombros do *Mister Wood*, verdadeiro anjo que me elevou para mais perto do céu. Senti-me naquele instante promovido às alturas, graças à ação daquele bom samaritano que, pouco depois se transformou em fiel companheiro de futebol, de outras subidas aos morros de Aparecida e ainda da quadra de tênis no Ipiranga, central de nossas vivências até o ano das dispersões (63 e 64, anos das turbulências que determinaram nossas separações: ele ordenado e eu desistente do seminário).

Nossas vidas correram em separado mas as lembranças daqueles quinze anos partilhados com intensidade jamais se apagaram. E outros encontros foram marcantes: na chácara do nosso comum colega Joaquim Barbosa, quando o Bita me atendeu num momento de depressão e no final da conversa me deu a bênção, unindo palavras sagradas a desejos de paz dali para frente. Ou ainda no segundo encontro da turma do Ibaté, quando então ele me ouviu em confissão antes de subirmos para a missa. E mais duas vezes em que fui a sua paróquia no Jardim São Luiz, admirando suas realizações de pároco e testemunhado sua ação de enviado de Deus junto aos pobres da periferia paulistana.

Perdoe-me, caro leitor, o testemunho particular deste momento. Forte é a emoção sentida desde o comunicado de sua morte porque fortes foram os tempos vividos em comum: colega de turma, companheiro de viagem, entusiasta parceiro de futebol, amigo de tantas horas e incentivador de nossas ações de grupo. Tantos amigos já se foram e cada um deixando em nossa alma o perfume que todo sonho de união não deixa perecer. Resta-me apenas lembrar com admiração e carinho a pertinente observação do nosso caríssimo Luiz Alberto Correa da Silva, o Doutor Delegado: “A fila está andando”.

***JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA (Qüimm, Quinzinho) , 50/56, 85, é doutor em literatura brasileira. Suas teses de mestrado e doutorado são: “A hierofania no episódio do pacto de Riobaldo com o demo” e “O trabalhador como tema e personagem em romances brasileiros da década de 1930”. Aposentou-se pela PUC-SP após mais de 40 anos de trabalho e milhares de alunos, como amantíssimo professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa 11 99339-3092 joka.oliveira@uol.com.br S.Paulo-SP**



EDMUNDO DA MATTA: “BRANCA DE NEVE”



Alfredo Barbieri (49/53)

O Seminário de São Roque certa vez promoveu uma Festa em homenagem aos pais dos alunos. Foi preparada com esmero, teve Drama e Comédia. Entre os números a serem apresentados, houve um canto com letras especiais e no cenário um grande painel: **BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES**.



O painel estava todo pintado e no lugar dos rostos, uma abertura redonda. Os protagonistas, devidamente maquiados, colocavam seus rostos no buraco e cantavam o hino de homenagem.

Não ficou em nossa lembrança o nome dos sete anões, mas sim o da Branca de Neve, escolhida pelo nosso Padre Ministro, responsável pelo Palco. Nada mais nada menos que o nosso **Bitá**. Com direito a pó-de-arroz e batom. Ficou linda esta Branca de Neve...

Podem imaginar a “gozação” e as piadas feitas. Nosso **Edmundo** tirou tudo de letra e aderiu a brincadeira. Talvez algum colega tenha a foto do evento.

Outra proeza do nosso **Bitá** que ouvi é que a Paróquia tinha uma Ambulância e o Vigário quando precisava ir ao Centro da Cidade, para superar o trânsito horroroso de São Paulo, ligava a sirene de alarme da viatura e rapidamente chegava a seu destino. “*Si non é vero, possibile*”.

***ALFREDO BARBIERI (49/53), 90, também ex-aluno de Pirapora (46/48), é um imortal da Academia Taubateana de Letras, poeta, escritor e professor universitário aposentado. Mora em Taubaté-SP – (12) 3621.3381 alfredo_barbieri@hotmail.com**

AMIGOS?

Por onde andam meus amigos?



Eu convivi com eles a vida inteira. Depois nos afastamos e estamos assim há um bom tempo. Mas sinto falta deles e às vezes me pegue lembrando de suas ações e de seus perfis. Eram amigos fieis e ocupavam minha vida profissional e afetiva. Eu conhecia suas histórias de vida, suas características físicas e psicológicas, seus espaços de ação, seus amores e conflitos, bem como suas virtudes e defeitos. Alguns eram de estilo clássico, fidalgos, aristocratas, racionais; outros eram arrebatados, sonhadores, sentimentais, fogosos, amantes de todas as horas; outros ainda, objetivos, irascíveis determinados, com os pés no chão; sem esquecer os que eram folgazões, bem humorados, satíricos, infiéis, mulherengos. Conhecia-os todos e falava deles a quem quisesse ouvir e discutir, no campo social, nas escolas, nos encontros de ocasião, oralmente e por escrito, nos ambientes das artes e das filosofias, e até nas ruminações religiosas. Eu vivia para eles e me alimentava deles. E eram amigos das mais diversas procedências e origens: do Brasil e do exterior, de diferentes regiões e estados: havia os paulistas, os cariocas, os mineiros, os baianos, os alagoanos, os pernambucanos, os gaúchos, enfim, do país inteiro. Eram também de Portugal e da Espanha. Uns mais, da França e Alemanha e da Inglaterra. Alguns de grandes cidades, outros de províncias e do campo; uns ricos e donos de poder; outros pobres e desvalidos, uns das classes dominantes, outros, do povo e seus valores e costumes. Eram meus amigos e sem eles eu não seria nada. Pensava neles sempre e convivia com eles. Não sei se eles sabiam, mas eu dependia deles para minha sobrevivência, eram instrumentos do meu sustento e de minha realização. Mas isso eu nunca falei para eles. No fundo, eles sabiam. Afastei-me deles, deixei-us sem aviso prévio. Não sei por onde andam e nem o que fazem, se estão vivos na memória das gentes ou se já morreram e foram para a zona do esquecimento. E é isso o que me faz ainda hoje perder o sono. Nessa madrugada tentei lembrá-los todos. São muitos e a minha memória às vezes me trai, pois eles vêm de longínquas eras, de distantes rincões, atravessam os tempos e seus perfis se esfumam na galeria da memória. E é difícil resgatá-los e redesenhar seus traços e aspectos. No entanto, é preciso exumá-los e colocá-los no pedestal de onde nunca deveriam ter saído. Com amor. Sem mágoas. Seres de papel? Para mim são a realidade da minha ficção.

Valdevino Soares de Oliveira, 59-63

O BITA E EU



José Lui*

Um velho ônibus, de crianças irrequietas, lotado
estaciona no pátio do Seminário do Ibaté empoeirado.
Não sei nem o dia nem a hora, mas foi em 49 que se deu.
E em se abrindo a porta, no meio do bando, lá estavam o **Bitá e Eu**.

Bitá, a origem e o porquê disso até agora não sei não.
Molestador e irrequieto, pode ter sido sem dúvida a razão.
Caipira, no exame de consciência, atividade corriqueira
Entrei na capela atrasado, com minha botina ringadeira.

O vaivém das conversas nas horas do recreio
constituiu para os colegas um saboroso devaneio
chamando a atenção do perspicaz Atílio Caridade
carimbando em **Bitá e Eu** os apelidos sem piedade.

Nos longos oito anos de vida intensa em comunidade,
Foi natural que nascesse, principalmente em nossa idade,
uma amizade sincera e duradoura - o que de fato aconteceu,
Colocando em comum juvenis problemas entre **Bitá e Eu**.

No Seminário Central do Ipiranga, duros anos de Filosofia:
aí foi muito importante a ajuda mútua no dia a dia.
Mais quatro de Teologia, juntos alegremente terminados.
Enfim, **Bitá e Eu**, para sempre sacerdotes ordenados.

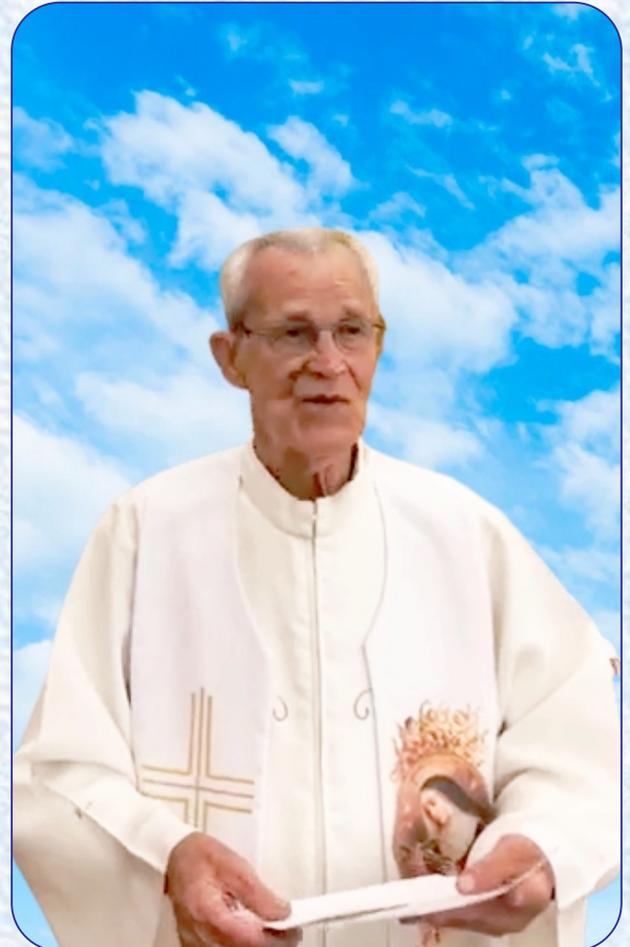
Iniciado o tirocínio e como que por destino da ironia,
Fomos pelo Bispo nomeados para a mesma Freguesia:
o **Bitá**, auxiliar do Pe. Collaço na Nossa Senhora do Ó
E **Eu** no Seminário Santo Cura D'Ars. Ora vejam só!

Seu jeito amigo e dedicado cativou logo os paroquianos.
Por ciúme, talvez, sua estadia ali não passou de dois anos.
Foi nomeado vigário da Igreja São Luiz, como mereceu.
E no dia da posse, estávamos de novo juntos, o **Bitá e Eu**.

Ali o Bitá realizou seu sonho de dedicação à comunidade.
Uma doença implacável, porém, tirou você dessa realidade.
Em visita, um dia antes de sua partida, meu ser estremeceu.
sem mais possibilidade de comunicação entre o **Bitá e Eu**.

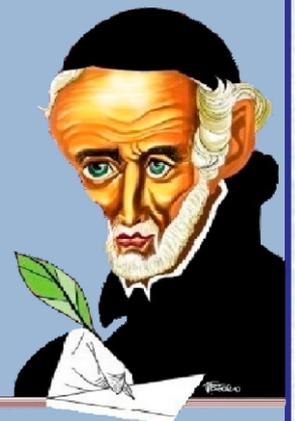
Bitá querido, você foi para a casa do Pai, Ele o acolheu.
Espero um dia estarmos juntos na mesma casa, **BITA e Eu**.

***JOSÉ LUI, Caipira, 86, filósofo e teólogo que mora em S.Paulo-SP. rubrolui@gmail.com**



Causa da grande distinção que fazem entre si e os escravos os que se chamam senhores, é como dizíamos, a côr preta. Mas se a côr preta pusera pleito à branca, é certo que não havia de ser tão fácil averiguar a preferência entre as cores, como a que se vê entre os homens. Entre os homens dominarem os brancos aos pretos, é força, e não razão da natureza. Bem se vê onde não tem lugar esta força, nem a côr é vencida d'ella. Quando os Portugueses appareceram pela primeira vez na Ethiopia, admirando os Ethiopes n'elles a polícia europeia, diziam: tudo melhor deu Deus aos europeus, e a nós só a côr preta. Tanto estimam mais que a branca a sua côr! Por isso, assim como nós pintamos aos Anjos brancos e aos demônios negros, assim elles, por veneração, e aos anjos negros, e aos demônios, por injúria e aborrecimento, brancos.

Padre Antônio
Vieira Vigésimo Sermão do Rosário
Pregado em 1633 para uma irmandade de pretos
devotos de Nossa Sra. do Rosário.
Colaboração: José Moreira de Souza, 55/59



AMOR NÃO BASTA?



Arthur da Távola*

Por mais que o poder e o dinheiro tenham conquistado uma ótima posição no *ranking* das virtudes, o amor ainda lidera com folga. Tudo o que todos querem é amar. Encontrar alguém que faça bater forte o coração e justifique loucuras. Que nos faça entrar em transe, cair de quatro, babar na gravata. Que nos faça revirar os olhos, rir à toa, cantarolar dentro de um ônibus lotado. Tem algum médico aí??

Depois que acaba esta paixão retumbante, sobra o que? O amor. Mas não o amor mistificado, que muitos julgam ter o poder de fazer levitar. O que sobra é o amor que todos conhecemos, o sentimento que temos por mãe, pai, irmão, filho.

É tudo o mesmo amor, só que entre amantes existe sexo. Não existem vários tipos de amor, assim como não existem três tipos de saudades, quatro de ódio ou seis espécies de inveja. O amor é único, como qualquer sentimento, seja ele destinado a familiares, ao cônjuge ou a Deus.

A diferença é que, como entre marido e mulher não há laços de sangue, a sedução tem que ser ininterrupta. Por não haver nenhuma garantia de durabilidade, qualquer alteração no tom de voz nos fragiliza, e de cobrança em cobrança acabamos por sepultar uma relação que poderia ser eterna.

Casaram. Te amo prá lá, te amo prá cá. Lindo, mas insustentável. O sucesso de um casamento exige mais do que declarações românticas. Entre duas pessoas que resolvem dividir o mesmo teto, tem que haver muito mais do que amor, e às vezes nem necessita de um amor tão intenso. É preciso que haja, antes de mais nada, respeito. Agressões zero. Disposição para ouvir argumentos alheios. Alguma paciência.

Amor, só, não basta.



Não pode haver competição. Nem comparações. Tem que ter jogo de cintura para acatar regras que não foram previamente combinadas. Tem que haver bom humor para enfrentar imprevistos, acessos de carência, infantilidades. Tem que saber levar.

Amar, só, é pouco.

Tem que haver inteligência. Um cérebro programado para enfrentar tensões pré-menstruais, rejeições, demissões inesperadas, contas pra pagar. Tem que ter disciplina para educar filhos, dar exemplo, não gritar. Tem que ter um bom psiquiatra. Não adianta, apenas, amar.

Entre casais que se unem visando à longevidade do matrimônio tem que haver um pouco de silêncio, amigos de infância, vida própria, um tempo pra cada um. Tem que haver confiança. Uma certa camaradagem, às vezes fingir que não viu, fazer de conta que não escutou. É preciso entender que união não significa, necessariamente, fusão.

E que amar, "solamente", não basta.

Entre homens e mulheres que acham que o amor é só poesia, tem que haver discernimento, pé no chão, racionalidade. Tem que saber que o amor pode ser bom, pode durar para sempre, mas que sozinho não dá conta do recado.

O amor é grande, mas não é dois.

É preciso convocar uma turma de sentimentos para amparar esse amor que carrega o ônus da onipotência.

O amor até pode nos bastar, mas ele próprio não se basta.

Um bom Amor aos que já têm!

Um bom encontro aos que procuram!

E felicidades a todos nós!

ARTUR DA TÁVOLA - (Paulo Alberto Moretzsonh Monteiro de Barros), foi professor, advogado, escritor, político. 03.01.1936 (Rio de Janeiro) - 09.05.2008 (Rio de Janeiro). Autor de Do Amor, da Vida e da Morte — 1983 e Do Amor, Ensaio de Enigma — 1983

A VELHICE DEVE SER FARTA DE LIBERDADE

Quando eu ficar velha, vou me vestir de púrpura.

Com um chapéu vermelho

que não combina e não me deixa bem.

Quero gastar minha aposentadoria em conhaque, aperol, luvas de seda, sandálias de cetim, e depois dizer que não sobrou dinheiro para a manteiga.

Quero sentar-me no chão quando estiver

cansada, pegar amostras grátis nas lojas, apertar os botões de alarme, raspar minha bengala nos gradis das ruas.

Para compensar a sobriedade de minha juventude, vou sair de chinelos na chuva, e colherei flores nos jardins alheios. E vou cuspir no chão.

Vou usar blusas horríveis, vou poder engordar.

(de poetisa desconhecida do século xx)

RÉQUIEM AO PADRE EDMUNDO DA MATA

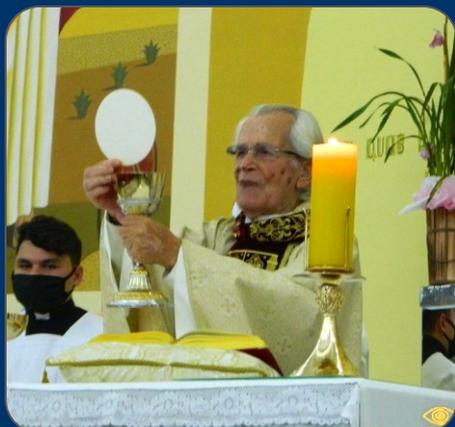


Carlos Fatorelli*

Hoje foi um dia especial, muitos estavam presentes para ver-te, mas não fui falar contigo, não tive coragem. E era um dia especial, pois a igreja estava lotada, como tu querias ver um dia, com os 125 bancos entupidos de gente.

Mas hoje fiquei em pé, ouvindo o réquiem que te ofereceram! Hoje, especialmente hoje, não fiquei no canto de sempre, para buscar o ângulo em que erguias Deus aos Céus, não poderia ser tão ousado em registrar-te, hoje, hoje não, não mesmo, o gatilho sempre armado da máquina fotográfica não funcionou!

Já estavam acostumados verem-te na internet, quando era uma missa solene, em dia especial, mas hoje era também especial, mas era diferente, não estavas lá como sempre estivestes! As broncas decantadas, nunca as recebi, o anonimato era a minha discipulação, afinal, era Deus o Ápice em tuas mãos! A missa foi solene, bonita, tanto quanto e quantas fizestes,



ao longo do tempo, confirmando sempre a Ressurreição! Agora estás diante Dele, teu amigo, teu companheiro, fica por aqui a nostalgia dos caminhantes da vida, muitos depoentes expuseram tuas máximas, embora muitos que se foram, poucos voltaram!

Quiseram colocar-te cabresto, não conseguiram, eras livre, como os pássaros, muitos enganaram-te, até os diante de ti; fingias não enxergar, e mesmo traindo juramento, vinham esconder-se no aprisco, na casa que fizestes, para Ele, e somente Ele ser louvado.

Buscavam a tua segurança, e a de nosso Senhor, e depois saíam às escondidas, batendo a porta, no sinal mais imperfeito da condição humana: a ingratidão!

Deus não permitiu que a mentira prevalecesse, da boca falar o que o coração não sente, mentirosos, eternos mentirosos, mesmo dos que te devem o que são hoje!

Afastaram de ti os que faziam parte dos teus instantes, daqueles para quem falavas abertamente, como em família, mas não prevaleceram por muito tempo: foram ceifados como o joio!

As forças que tivestes não eram as de tua juventude, e os corvos de sempre te rodeavam, insatisfeitos com o butim que amalharam, usando-te, além da blasfêmia do Santo nome em vão.

Agora acabou, Deus deu um basta, não iria admitir mais que te usassem

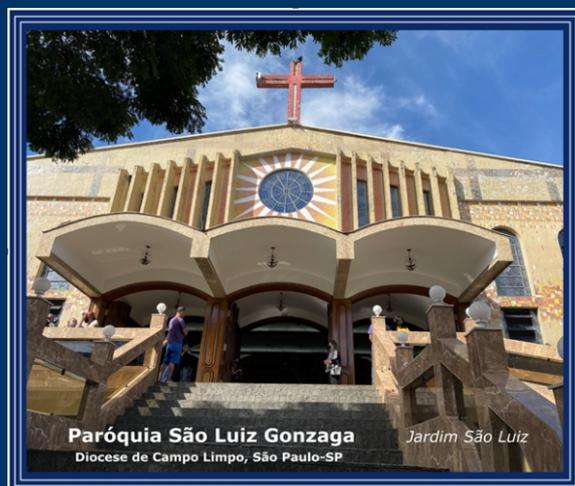
ordinariamente e depois te descartassem sem satisfação alguma!

Acabou para aos que amavam a Mamona, já tiveram sua paga, da esbórnica, que às escondidas fizeram. O Deus, que tudo Vê, ainda cobrará dos que agiram na escuridão às ocultas.

Tivestes, mesmo assim, fiéis que te acompanharam, como acompanharam Deus, que louvastes; não se afastaram jamais, observaram sempre o movimento ao teu redor daqueles ávidos do poder, e Deus com toda Sua imensidão proveu outro em teu lugar, que não aqueles que cobiçaram estar onde estivestes!

Acabou, mil vezes, acabou! Deus escreveu como deveria ter escrito, mesmo quando o poder religioso vacilava, e pouco tempo tinha para receber, aqueles que nunca admitiram tanta falsidade!

Trabalhastes muito, combatestes o bom combate, agora ganhastes o descanso merecido da Glória Eterna e... as lembranças que deixastes gravadas na História!



O BITA



Paulo Francisco Toschi*

Por que o **Bitá** tinha o apelido de **Bitá**? Não faço a mínima ideia. Talvez algum outro colega mencione isto, nos artigos que estão sendo publicados nesta edição do Echus do Ibaté. Muito merecida esta comemoração. O **Bitá**, **Padre Edmundo da Mata**, merece muitas comemorações. Não foi somente um sacerdote. Irreverente, buliçoso, quando subia ao altar era um santo.

Promovia, todo ano, uma festa que atraía todo o Jardim São Luiz. Comprei várias canecas, nessas festas. Pena que não as tenha mais. Nosso coral foi lá cantar mais de uma vez. Numa dessas ocasiões, tendo eu chegado mais cedo, percorri o magnífico templo, que o **Bitá** lá edificou. Fui ao coro. O **Bitá** veio ter conosco. Admirei o órgão. Ele disse:

- É o órgão do seminário de São Roque.
- Como ele veio parar aqui, **Bitá**?
- Veio - foi a resposta. Antes que tivesse algum outro destino, não ligado às nossas tradições, veio para cá.

Notei que a igreja estava toda iluminada, todas as luzes acesas, e eram muitas, iluminação feérica, como dizem. Perguntei:

- **Bitá**, quanto vocês gastam com a conta de luz, todos os meses?
- Gastar? Não, aqui neste bairro não se gasta muito com a luz!
- Ah! Tá!

Falei ao **Bitá** de minhas duas netas menores, já crescidinhas, que ainda não tinham sido batizadas. Mais que depressa, ele se prontificou a batizar minhas meninas: *vocês vêm aqui, eu batizo e a gente promove um almoço comemorativo*. Acabou não dando certo; elas foram batizadas perto de onde moravam, mesmo. Teria sido uma ótima oportunidade. Que colega maravilhoso!

Eu e o Germano passamos um aperto com o **Bitá**. Ele fez questão que os colegas todos de São Roque participassem da missa junto ao altar. Na hora da comunhão, exigiu que todos comungassem. Um de nossos colegas se justificou, dizendo que não havia confessado. O **Bitá** imediatamente deu a absolvição e o colega comungou. Ficou de olho se algum de nós ainda não havia comungado. Eu e o Germano nos escondíamos: divorciados que éramos, estávamos impedidos, pois, segundo as normas vigentes, não fazíamos parte dos “*felizes convidados*”. O **Bitá** de olho. Precisamos mentir, dizendo que o outro ministro da Eucaristia que o estava ajudando havia nos dado a comunhão. Ele ficou meio desconfiado, mas, não mais insistiu. Numa outra ocasião, ele chamou o **Corazza** e um outro colega nosso que havia pedido dispensa das funções sacerdotais para ficarem com ele, no altar, concelebrando a missa.

O **Bitá** era assim. Irreverente. Um homem de Deus. Já contei sobre um artigo que escrevi, sobre o celibato, de crítica às imposições vigentes (Echus 95, abril de 2008). Num encontro em São Roque, logo depois desse artigo ter sido publicado, três colegas nossos, bispos, ao trocarmos cumprimentos, me disseram:

“*Paulo, eu li o seu artigo*”.

Um deles era Dom Décio Pereira. Dos outros dois, eu não digo o nome, mas eram meus contemporâneos. Finalmente, fui cumprimentar o **Bitá**.

- Paulo, eu li o seu artigo.
- E o que você achou?
- O problema é nosso e você não tem nada a ver com isso!

Este era o **Bitá**. Só fico pensando como terá sido sua chegada à Casa do Pai. Deve ter sido recebido por um comitê de ibateanos, chefiados pelo **Corazza**.

Mais um para a minha listinha da hora do terço. Como está ficando comprida essa lista! Quantos de nós já estão dizendo à nossa boa mãe: “*sub tuum praesidium confugimus*”.

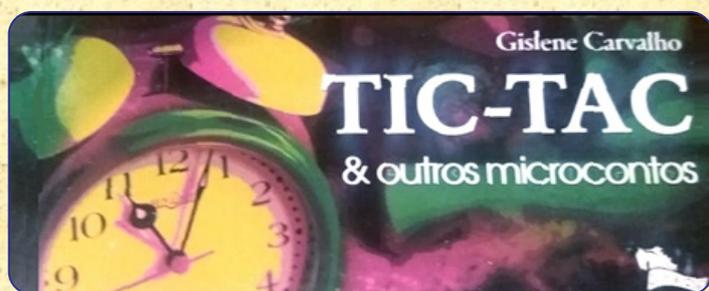
*PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI, 84 (49/53), bacharel em Direito, aposentado, em São Paulo-SP - autor do livro "Palavra de Seminarista" (disponível no link <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate>) 11-99478.1215 e 11-2306-9985

Seu nome é Gislene, Gislene Carvalho, uma ibateana (2).



Há quem não conheça o escritor Dalton Trevisan, o Vampiro de Curitiba?? Sempre é tempo para uma boa literatura! E existem muitos outros...

Microconto - o próprio nome diz - é uma espécie de conto muito pequeno. Ele tem sido associado ao **Minimalismo**, cujo ponto chave é o desapego de tudo o que for excessivo, daquilo que estiver sobrando. Por exemplo, se você tiver 20 camisas e utiliza 10, o melhor que pode fazer é doar essas outras 10 para alguém que precisa, ficando com muito menos e coisas entulhadas, abrindo espaços livres em sua espremida casa e também abrindo portas e janelas para que coisas novas aconteçam em sua vida. Por isso, é frequente encontrar a criação denominada microconto, texto com muito poucas palavras... pouquíssimas letras, até. É uma postura existencial, de filosofia, de localização no mundo. Sua concepção é que estas poucas palavras apresentem um contexto e uma ação ao redor desse mínimo que é revelado. Sua função e riqueza é apenas sugerir e inspirar o leitor a preencher seus vazios, ocupar os espaços em branco da narrativa com sua própria imaginação e a entender a história que está por trás da história escrita.



"A interação do leitor com o texto se dá na medida em que este atua como pauta e tudo o que não diz ou silencia cria vazios que o forçam a interferir criadoramente no texto, a dialogar com ele, num ato de comunicação legítimo". (Regina Zilberman in *Estética da Recepção e História da Literatura*. S.Paulo, Ética, 1989).

Exemplos históricos desse modo conciso de escrever, desses retratos de "pedaços da vida" não faltam em todos os continentes. Um dos autores de microcontos mais famoso é o guatemalteco, **Augusto Monterroso**. São trinta e sete letras:

Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá. Uma frase como essa equivale à aplicação de um soro fisiológico direto na artéria, capaz de reidratar todas as células de seu organismo, liquidando sua sonolência, produzindo nitidez em seus olhos; seu cérebro funcionará magistralmente; seu espírito se abrirá ao mundo. Um segundo exemplo, mas que equivale a um choque de 150.000W com um *Teser* - e sua imaginação vai a 1.000, deixando-o abismado, mas com tudo funcionando - vem das mãos do escritor norte-americano **Ernest Hemingway** que, com apenas vinte e seis letras, elenca toda uma história de tragédia familiar: *Vende-se um par de sapatos de bebê. Nunca usados.* É *punto e basta*, como diz o italiano.

Quem sai ganhando é o leitor, figura fundamental e imprescindível, que fica livre para apreciar a obra segundo sua vontade. Uma leitura rasa transformaria os contos em frases vazias. Os microcontos sempre trabalham com narrações inteiras subentendidas em pequenos contextos e ações que dependem da super-interpretação do leitor. Alimentam-se de imaginação humana imaculada.

Dalton Trevisan (D.N. 14.06.1925) é um dos escritores brasileiros mais aclamados pela crítica, tendo lançado 25 livros, dentre eles, o tão famoso **O Vampiro de Curitiba** (1965), a maioria de narrativas curtas, dentre eles **Ah, é?** (1994), considerado o ponto de partida do microconto em seu formato contemporâneo.

O Ibaté conta com uma representante do universo do microconto, modalidade que a teoria literária ainda não reconheceu propriamente como um gênero, mas sabemos que chegará lá.. Seu nome é **GISLENE CARVALHO**, digníssima esposa do amigo ibateano **Roberto Delgado de Carvalho**, 57/59. Trata-se de uma coleção de 28 microcontos que fala algo bastante significativo, mas em poucas palavras, sobre animais estimados, animais que amamos todos os dias, "... verdadeiros pingos de ouro na vida de tantas pessoas queridas, principalmente na minha", afirma a autora.

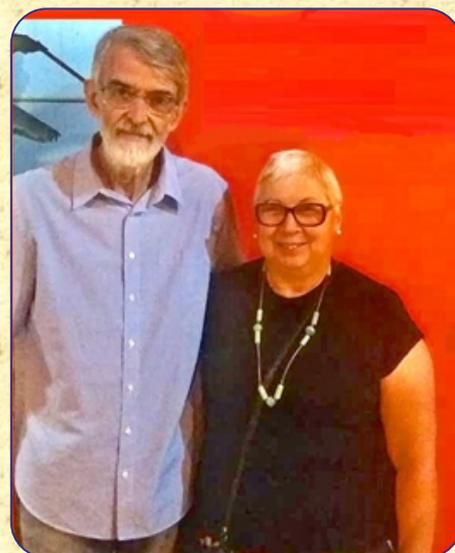
Em destaque, três microcontos de Gislene, de sua obra **Tic-Tac**:

- **BONEQUINHA** - Ela, a noiva mais linda, de vestido curto e branco. Poderia ter sido rosa ou vermelho. O noivo poderia não ser o melhor dançarino. Mesmo assim, ele a fez feliz. Inspiraram aquela menina a vida toda. Como no filme.

- **APRENDIZADO** - Leu um livro inteiro numa siesta. Manoel de Barros ensinou-lhe que todos os caminhos levam às ignoranças.

- **QUASE LÁ** - Século XXI. Mulheres livres. Maduras. muitas ativas. Autônomas e economicamente emancipadas. Resolvidas e realizadas afetivamente. Outras, machistas, submissas, dependentes e imaturas. Algumas infelizes, outras, nem tanto.

Que entrem em contato direto com Gislene ou Roberto (Telefone & WhatsApp 11 99631.4733 ou 99204.2246) os amigos que desejem conhecer de perto essa encantadora obra. (K)





PARÓQUIA DAS TROVAS

É setembro e a primavera
de perfumes e de flores
traz cantigas, vive amores,
que o inverno frio já era.

Antonio Jurandyr Amadi, 51-57

Ah!, Brasil de meus amores,
de futuro em primavera,
sem tristezas, dissabores,
com justiça e nova era

Logo chega a primavera,
tempo de encantos sem fim,
resplandece a nova era,
há flores no meu jardim.

Joel Hirenaldo Barbieri, 51/58

Manga com leite faz mal,
dizem muitos sem razão.
Tola mentira ancestral,
na verdade, não faz não.

A força de uma nação
começa com a caneta.
Um a mais na educação:
Um a menos na sarjeta!

Renata Paccola (Taubaté, 1998)
Magnífica Coadjutora Convidada

Criança tem que ter nome.
Criança tem que ter lar.
Ter saúde e não ter fome.
Ter segurança e estudar.

Ruth Rocha - Magnífica
Coadjutora Convidada

Vimos lá da caverna
Tantas lutas que travamos....
Bem agora, essa baderna:
Onde foi que nós erramos?

Antonio Correa, 64/67

Para mim, não há dia ruim.
Aflição nunca me agarra.
E se acordo meio assim,
ele fica bom na marra!

Quando, o amor de nossa vida,
a Deus, o conduz a sorte
... não há coragem renhida
que nos permita ser forte.

Jaime Pina da Silveira
Padres Pavonianos

De manhã, olhe o espelho.
e ao ver-se, assim que acordar,
dê-se a si mesmo um conselho:
quer vencer?... Vá trabalhar!...

Não permitas que a tristeza
domine teu coração.
Cria em Deus e, com certeza,
dias melhores virão.

Alfredo Barbieri - 49/53

É cidadão do Universo
o poeta e trovador
por consagrar no seu verso
a virtude, a paz e o amor.

Envie-nos também a sua trova!

Para-choque do Caminhão de Ibatê

A REALIDADE É O FUNERAL
DAS ILUSÕES.





Na Casa do Pai

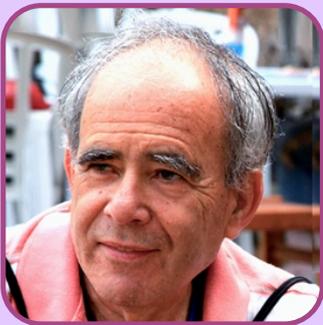
Que esses nossos colegas e entes queridos, hoje no resplendor dos santos, recebam de nós preces e não prantos, pois contamos com sua intercessão, para um dia, em sua companhia, bendizermos a Deus pela ventura, sobretudo, da abençoada adolescência e juventude que juntos desfrutamos.



Saibamos todos que a geração de nossos mestres, padres diretores e professores foi encerrada agora no dia dois de setembro de 2022. Já em seus 98 anos de idade, faleceu o saudoso **MONSENHOR WALDEMAR MARQUES DA CONCEIÇÃO**. Nascido aos 02.06.1924 em Avaré-SP, estudou por seis anos no Seminário de Pirapora, turma de 1938. Na banda, era especializado em tocar Bombardino. Tão logo tivesse se ordenado presbítero, em 1952, tornou-se o professor de Português em nosso querido Ibaté por cerca de dois anos, 1953-54. Andava de lá para cá no pátio com os alunos, era um grande contador de histórias: casos interessantes, dizia ele.

Com sua humildade e desprendimento deixou muitas marcas e seu exemplo, ensinou a tantos como fincar raízes e sentirem-se firmes e seguros em seus propósitos e escolhas.

Com seu bombardino, ele agora é importante componente da Furiosa Banda Celestial. Lugar reservado em seu nome, ele já o tem há muito tempo. Que Deus o receba na sua glória! Eternamente presente em nossas celebrações. Viva Padre Waldemar!



O privilégio de partilharmos um pouco de sua pujante vida!

Frequentadores de nossos encontros bi-anuais lá no Seminário, foram muitas as vezes que lá nos deparamos com sua simpatia durante a exposição/venda de suas belíssimas pinturas a óleo, aquarelas... Também era infalível sua presença nas sextas-primas em São Paulo. Morava no bairro Pompeia. Esse, o famoso artista plástico e arquiteto, **ÁLVARO BERNARDO DE MEDEIROS**, 61/62, tem muitas de suas obras ornando a residência de inúmeros ibateanos.

Fez sua Grande Viagem agora no dia 24.08.2022, aos 74 anos, deixando muitas saudades no coração de sua esposa, Valdice, de seus filhos, Michele e Leonardo, e de um batalhão muito grande de amigos assim como com o próprio pessoal do Ibaté, de cujas atividades sempre participava. Seu coração resolveu parar. E não há dúvidas de que sua ausência será apenas uma sensação, pois sempre estará conosco em nossos corações.

No Seminário ele era espetacular em matéria de comportamento, um campeão sempre com nota dez, mas em algumas disciplinas, parece que deixava a desejar. Tanto isso é verdade, que o reitor uma vez lhe escreveu uma carta bastante específica: "São Roque, 10.10.1962. Álvaro, continue o menino piedoso e bem comportado. Reze sempre e busque a proteção do Imaculado Coração de Maria. Aplique-se mais em Latim, Matemática e Geografia, senão, não vai dar certo! (ass. Mons. Constantino Amstalden)"

Que Deus, em sua infinita bondade, console os familiares e amigos, que sofrem com sua partida e que Cristo o acolha no rebanho celeste, fazendo brilhar para ele a verdadeira paz e a luz que não se apaga.



PADRE EDMUNDO DA MATA - BITÁ.

Sim, um ibateano amantíssimo.

Esse amor e esse respeito são evidentes nessa edição do *Echus do Ibaté*: muitos amigos se manifestaram. Verifique!

Pode-se afirmar que esse número é quase que inteiramente dedicado a sua memória, à valorização dessa grande amizade.

Português de Funchal (Ilha da Madeira), entrou para o Seminário em 1949 - um pioneiro. De lá, foi para o Central do Ipiranga, ordenado em 08.12.1963. Não demorou muito para que assumisse liderança da Paróquia São Luiz Gonzaga, no Jardim São Luiz, São Paulo-SP, onde dedicou quase toda sua vida. Bitá - seu carinhoso apelido - faleceu agora no dia 15.07.2022, aos 87 anos de idade, após longo sofrimento, deixando milhares de amigos e tantas saudades.

Que Deus o abrace em sua glória.



O Professor de Língua Portuguesa **JOSÉ ARMANDO TOLEDO** (Ibateano da turma de 1954) foi chamado com urgência aos Céus. Contava 81 anos de idade. Não foi possível uma negociação. A Covid 19 bateu às nossas portas e arrancou de nosso convívio esse amigo-irmão. Seus amados filhos, Ângela e Felício, embora avisados com antecedência sobre a gravidade desse mal, ficaram muito desolados com a desaparecimento de pessoa tão boa: fizeram todo o possível, mas perderam essa luta. A eles e todos os amigos, nossa solidariedade integral, nossos pêsames neste difícil momento de perda e dor.

Sempre alegre e sorridente, o Armando morava em Campinas-SP, bairro do Cambuí, e costumava frequentar nossos encontros bi-anuais.

Que esses nossos colegas e entes queridos, hoje no resplendor dos santos, recebam de nós preces e não prantos, pois contamos com sua intercessão, para um dia, em sua companhia, bendizermos a Deus pela ventura, sobretudo, da abençoada adolescência e juventude que juntos desfrutamos.



Na Casa do Pai



Por mais que sejamos informados e esclarecidos sobre possíveis ocorrências, nunca estaremos preparados para a morte; ela sempre haverá de impiedosamente nos pegar de surpresa, certificando-nos de nossas impossibilidades, de nossas incapacidades, de nossas mãos vazias. Sua dor transborda por todo nosso ser por um tempo indeterminado, profunda. Às vezes, de forma irretorquível. Para se sobreviver, há de não se perder a esperança em se encontrar algum sentido para essa experiência humana. Perder um filho é muito tenebroso; é dolorido demais!

É a vivência que recentemente tiveram nosso amigo ibateano Antônio Jurandyr Amadi (51/57) e sua esposa, Valdice: **CHRISTIAN WAGNER AMADI**, 59 anos, faleceu em 23.06.2022, em tenra e vigorosa idade, em sua cidade, Jundiaí-SP, por uma *hemocromatose*. Engenheiro Mecânico de talento, deixa viúva a Sra. Marly e um filho, Gabriel Felipe. Um homem que valorizava a grandeza do resultado dos feitos mais simples: não se negava a ajudar todos que o procuravam. Deixa agora um enorme vazio, sem reposição possível.

A *Turma do Ibaté* recebe essa notícia com imenso pesar, amizade e respeito. Que nossas orações sejam ouvidas por Deus em sua infinita bondade para que console todos os familiares e amigos que sofrem com sua partida.

O amigo Amadi expressa aqui um pouco de sua tormenta, de seu sofrimento que a todos nos apodera:

LÁGRIMAS

Filho amado, que vazio!
Não consigo dar-lhe adeus.
Desde o dia em que partiu,
foram junto os sonhos meus !

"Abraça o nome de São Francisco e não se esqueça dos pobres !!!."



Assim se manifestou **DOM CLÁUDIO HUMMES**, Arcebispo Emérito de São Paulo, ao Papa Francisco, ao lado do qual se encontrava no momento em que fora eleito - tendo sido ele mesmo quem articulou sua eleição.

Toda a *Turma do Ibaté* se consterna profundamente pela perda desse homem de fé e de fibra, personagem tão importante pelo apoio aos movimentos sindical e populares na época da luta contra a ditadura militar. Encontrava-se em sua residência na zona sul de São Paulo onde lutava contra um câncer, que o abateu em 04.07.2022, aos 87 anos.

Frade franciscano, foi o décimo oitavo bispo de São Paulo, considerado defensor dos pobres e dos povos indígenas. Nascido em 08 de agosto de 1934, ordenando-se sacerdote em 1958 e sagrado bispo em 1975.

Recatado nos gestos e comedido nas emoções, Dom Cláudio era um pregador incisivo e profético. Homem de convicções firmes. Nada tinha de intransigente. Sabia dialogar e, ao contrário de muitos bispos, procurava manter-se teologicamente atualizado. Era, sobretudo, um religioso de vida de oração.

Muitas aflições nas greves do ABC no princípio da década de 1980. Solicitado pela Fiesp para atuar como mediador, postou-se decisivo ao lado dos trabalhadores. Se o que estava em jogo era a vida - dom maior de Deus - ameaçada pelos índices econômicos falseados pela ditadura, não havia como esperar do bispo uma posição de suposta neutralidade. *Omnes vos fratres* (vós sois todos irmãos), seu lema. Autorizou e notabilizou-se por manter as portas da matriz de São Bernardo do Campo abertas aos metalúrgicos, a fim de acolherem-se militantes perseguidos pelas forças de repressão, inclusive para a realização de assembleias, enquanto o sindicato permanecesse sob intervenção federal. Esse período é marcado pelas grandes greves da região, puxadas pelo movimento operário, inclusive a histórica greve dos metalúrgicos de 1979, liderada por Lula. Estimulou padres, religiosos e fiéis a participarem do Fundo de Greve.

Liderou a Pastoral Operária em todo o Brasil e em 2011 foi presidente da Comissão Episcopal Especial para a Amazônia. Como arcebispo de Fortaleza e depois de São Paulo, Dom Cláudio empenhou-se em preservar, na Igreja, a unidade na diversidade. Dotado de sensibilidade social, homem de hábitos simples, trazidos da colônia gaúcha, era avesso a salões e banquetes, e só se permitia um exagero: o trabalho excessivo.

Encerrou sua carreira como vigário-geral da arquidiocese de São Paulo, orientador das pastorais sociais e presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia.

Defensor dos pobres e dos povos indígenas: Falando na COP21, em dezembro de 2015, Dom Cláudio manifestou irrestrito apoio ao modo de vida dos indígenas: "é preciso defendê-los, defender seus direitos, dar-lhes de novo a possibilidade de serem os protagonistas de sua história, os sujeitos de sua história. Deles foi tirado tudo: a identidade, a terra, as línguas, sua cultura, sua história, tudo".

"Convido todos a elevarem preces a Deus em agradecimento pela vida operosa do falecido Cardeal Hummes e de sufrágio em seu favor, para que Deus o acolha e lhe dê a vida eterna, como creu e esperou", afirmou em nota o cardeal arcebispo de São Paulo, Odílio Pedro Scherer.

PHOTANTIQUA



Despedida dos Sextanistas de 1961

João Bosco da Silva - José Maria Campos - Milton Isabel da Silva
Getúlio Vieira - Pe. Constantino Amstalden
Pe. Ruy Amaral Mello e Francisco Cléverton Ribeiro Marques

Acervo Getúlio Vieira

Photodiarna



**Toma muito cuidado,
vovô!!!**

Para fazer um gosto, em 22.08.2009, o ex-aluno Joel Hirenaldo Barbieri, 1951/58, resolve arriscar a ficar suspenso por uma semana no ping pong e no vôlei. Mas deu sorte...



MENSAGENS RECEBIDAS

Fazer vínculos é viajar no tempo;
Em cada estação, um novo apito.

ZEQUINHA (José Luiz Brant de Carvalho, 51/58)



De ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA, 63/66 (São Paulo-SP) - É muito triste o falecimento do Pe. Edmundo-Bita. Mais um ibateano que muda para o céu! Não sabia que ele estava doente. Fará muita falta na comunidade de São Luiz, onde com muito zelo cumpria seu ministério. Meus sentimentos. antoniojalmeida@uol.com.br. 16.07.2022



De FRANCISCO CLEVERTON RIBEIRO MARQUES, 59/61 (Osasco-SP) - Sobre a edição nº 177 do Echus do Ibaté: Parabéns pela publicação da matéria "Homenagem ao Pai", fazendo jus à abertura da mesma, definiu muito bem o assunto "Fruto de inspirações e sublimes conexões..."! franciscoclever@hotmail.com 18.07.2022



De HERMINIO BERNASCONI - Estudou no Ipiranga de 1954 a 1960 - (Manaus-AM)- Oi Wilson, agora são bem frequentes notícias tristes de antigos colegas que vão se mudando deste mundo. Que Pe. Edmundo descanse em paz. Lembro-me bem dele, contemporâneo, bom goleiro em nossas peladas... Que Deus o receba em seu amor de Pai. Tens notícia do Attilio? Falo sempre com as esposas de Walmir e do Chiavegato... grandes cabeças hoje tristes esquecidos. Que Deus nos guarde. Um abraço... e grato por suas informações. 17.07.2022 herminio35@gmail.com



De JOÃO FRANCISCO DE BRITO RAMALHO, 60/62 (Salvador-BA) - Muita alegria pela chegada do nosso Echus do Ibaté 177. Sempre os nossos agradecimentos à sua coordenação e a toda equipe que não poupou trabalho e dedicação para que o nosso Informativo fosse publicado. Grande abraço. 27.06.2022 jramalho47@gmail.com



De JOSÉ JORGE PERALTA, 58/59 (S.Paulo-SP) - Pe. Edmundo, nascido na Ilha da Madeira em Portugal, exerceu o ministério apostólico no Jd. São Luiz (São Paulo-SP) por mais de 50 anos. Para o povo de toda a região e de todas as paróquias onde trabalhou, Pe. Edmundo foi sempre um benemérito protetor dos necessitados de uma palavra amiga, de uma palavra de estímulo para vencer as dificuldades da vida. Foi um grande amigo das famílias. Para toda a gente que o conheceu, o Pe. Edmundo da Mata sempre foi um homem abençoado por Deus e uma lembrança imortal para este tempo tão carente de gente como o Pe. Edmundo. Sua presença sempre foi marca de esperança. Sua lembrança também será para todos os que o conheceram marca de fé e solidariedade. Meus sentimentos. 15.07.2022 josejorgeperalta@gmail.com



De PE. GETÚLIO VIEIRA, 58/61 (S.Paulo-SP) - Não tive muita convivência com o Pe Edmundo, somente em reuniões do clero nos tempos de Arquidiocese. Fiquei no Seminário do Ibaté, e ele em São Paulo. Sei que quando ele assumiu a Paróquia São Luiz Gonzaga, o bairro era muito carente de quase tudo. O Pe Bita, com seu dinamismo e entusiasmo apostólico, transformou-o no que é hoje. O povo o respeitava como o "Sheriff" do Bairro. Intrépido e destemido, sei que custou a "tirar" a Carta de Motorista. Punha a batina e dirigia para qualquer lugar sem medo. Parece que numa ocasião foi até o Uruguai sem ter tirado ainda a Carta. De batina, passou por todas Polícias Rodoviárias, sem nenhum problema... passagem livre... muita coragem!!! certo? Sempre gostei do seu modo de ser e agir. A Paróquia e o Bairro perderam um pai, um amigo e administrador. Irão sentir muito sua ausência, mas o que ele plantou já frutificou muito e continuará florindo e frutificando. O Paraíso ganhou um Santo e Herói. Parabéns ao Pe. Bita! A tempo: Torcedor "roxo" do Tricolor do Morumbi! No Seminário, muito bom goleiro. Valeu Bita! Irá atuar no gol dos anjinhos e fechar a meta aos Arcanjos... Só o Bita mesmo!!! mongevi@terra.com.br 22/07/2022



MENSAGENS RECEBIDAS

Fazer vínculos é viajar no tempo;
Em cada estação, um novo apito.
ZEQUINHA (José Luiz Brant de Carvalho, 51/58)



De **ALFREDO BARBIERI, 49/53 (Taubaté-SP)**

{01} O Echus é uma grata surpresa. Cada nova edição encanta, chama à reflexão, evoca um passado, sempre presente, emociona, homenageia, se renova. Que espetacular maneira de se parabenizar os pais, através de depoimentos tão profundos. Agradeço a homenagem de minha filha Alessandra (perdão, me debulhei em lágrimas). Que continuemos assim: uma grande família. Que venham muitos e muitos Echus! Parabéns! 27.06.2022 alfredo_barbieri@hotmail.com

{02} PE. EDMUNDO-BITA. Grande Colega e Sacerdote. Carismático e realizador. Sempre alegre e moleque. Deus o acolha na Casa do Pai. Pe. Edmundo rogai por nós. 15.07.2022.



De **LUIZ DA CUNHA FERREIRA DE MIRANDA, 58/59 - (Barrocelas, Portugal)** - Olá Wilson, como vai? Agradeço pelo envio do número 177 do Echus, que vi agora há pouco, mas ainda não li. Já estava com saudades desse Informativo tão importante para matarmos a saudade dos velhos tempos do Ibaté, mesmo que eu tenha por lá passado apenas dois anos, mas que acabaram por me marcar para toda a vida!. Quando o tiver lido, digo-te alguma coisa, ok? Eu estou bem e espero que todos os colegas estejam igualmente bem, assim como suas famílias. Obrigado mais uma vez e um grande abraço.

27.06.2022



De **MIGUEL CSUZLINOVICS, 1963 (S. Paulo-SP)** - Só estive em contato com o Pe Bita uma única vez, quando fomos com o Côro do Ibaté cantar na Paróquia São Luiz! Notei que ele era muito querido pela Comunidade, um verdadeiro líder! Agora graças a suas palavras, Paulo, eu entendo o porque! Que bênção! Sessenta anos de Consagração a Deus, de Sacerdócio! Fará muita falta! 15.07.2022 miguelzinovic@yahoo.com.br



De **OTTO MELO, 49/52 (Mogi das Cruzes-SP)** - Nossos sentimentos pelo falecimento do Pe. Edmundo e nossas condolências aos seus familiares e que Deus o acolha. ottomello@terra.com.br



De **PAULO FRANCISCO TOSCHI, 49/53 (S. Paulo-SP)** - Certa vez, eu escrevi um artigo, no Echus do Ibaté (Echus 095, abril 2008), sobre o celibato. Logo depois, tivemos um encontro em São Roque. Três amigos nossos, bispos, ao me verem, logo comentaram: "Eu li o seu artigo!" Não tive coragem de perguntar o que haviam achado. Depois deles, encontrei o Bita, o nosso Padre Edmundo da Mata. Disse-me: "Eu li o seu artigo!". Dessa vez, criei coragem e perguntei: "E o que foi que você achou?" Recebi uma resposta muito própria do Bita, com toda sua franqueza, com toda sua personalidade: "O problema é nosso e você não tem nada a ver com isso!" Este era o Bita. Um dos mais eficientes representantes do Seminário do Ibaté. Nosso amigo queridíssimo. Deus o receba em sua glória. Com todas as suas extravagâncias, com toda sua franqueza, com toda sua solidariedade. Um sacerdote que efetivamente lutou pelos menos favorecidos. Terá sua recompensa no Céu, com certeza. Sentimentos aos familiares e paroquianos. Um celebrante a menos no nosso próximo encontro. Um intercessor a mais, junto a Maria, do Imaculado Coração e seu Filho, nosso Deus. 15.07.2022. paulofranciscotoschi@yahoo.com

Prezado Leitor,

Ocupe mais plenamente este espaçozinho de Mensagens Recebidas.

Dê mais energias ao Echus do Ibaté. Não permita que a vida simplesmente escorra entre seus dedos: participe com entusiasmo, enviando-nos seus comentários, sugestões e críticas. Mande-nos e-mails, cartas, WhatsApp, telefonemas, motoboys e anúncios. Todos precisamos conhecer sua opinião e somos eternamente gratos. Deo Gratias!

CASO EDIFICANTE QUE DESAFORO!



José Lui *



Já em casa, após um dia exaustivo de trabalho na roça, o caipira chegou para a sua mulher e disse:

- Muié, tô deveras preocupado. Nois tá passano por uma situação em que não temo o que cumê e nossos fio tão passano muita necessidade de tudo. O que vamo fazê pra resolvê a situação?

A mulher pensando no problema colocado por seu marido, com muito pesar disse:

- Óia aqui meo véio, a única manera que temo no momento pra solucioná o pobrema é vendendo nosso cavalo.

O caipira não pensou duas vezes. No dia seguinte, bem cedo, pegou o cavalo, levou-o para a cidade e em voz alta anunciou sua venda.

- Um cavalo, mil reais. Um cavalo mil reais. Um cavalo mil reais.

Não demorou muito, encostou uma linda camionete e um distinto senhor abre o vidro e pergunta:

- Quanto quer pelo cavalo?

O caipira deu uma cuspidinha de banda e falou:

- Mil reais.

O homem olhou o cavalo das orelhas aos pés e disse a queima roupa;

- Te dou 500, no pau!

O caipira coçou a barba e depois de ter pensado um pouco foi logo respondendo:

- Óia aqui meu amigo, me descurpe o senhor, eu vendo sim o meu cavalo, mas só se for inteiro!!!!

*JOSÉ LUI, Caipira, 86, filósofo, teólogo e pé-de-valsã, mora em S.Paulo-SP rubrolui@gmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 13.09.2022

POSIÇÃO EM 15.06.2022	22.137,24
ENTRADAS	
Contribuições e doações	2.243,00
Empréstimo	9.000,00
Juros	446,26
TOTAL ENTRADAS	11.689,26
SAÍDAS	
Diagramação Echus 177	572,00
Despesas Correios	67,50
Gráfica-CASOS EDIFICANTES	9.200,00
Coroa de Flores Álvaro	250,00
Despesas Bancárias	114,50
TOTAL SAÍDAS	10.204,00
SALDO ATUAL 15.06.2022	23.622,50
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

Agradecimentos



A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 16.06.2022 a 13.09.2022, dos seguintes colegas: Antonio da Aparecida Simões Cuccio, Antonio José de Almeida, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Paulo Bruna, Luiz Pedro Araujo-Vó, Luiz Roberto Soares-Araçá, Roberto Lui, Vicente de Paulo Moraes, Vladimir Merlo Garcia. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é uma publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Corrêa, Antonio José de Almeida, Antonio Jurandy Amadi, Attilio Brunacci, Carlos Fatorelli, Francisco Cleverton Ribeiro Marques, Monsenhor Getúlio Vieira, Gislene Carvalho, Herminio Bernasconi, Jaime Pina da Silveira, João Francisco de Brito Ramalho, Joaquim Benedicto de Oliveira, Joel Hirenaldo Barbieri, José Jorge Peralta, José Lui, José Moreira de Souza, Letterio Santoro, Luiz da Cunha Ferreira de Miranda, Miguel Csuzlinovics, Otto Mello, Paulo Francisco Toschi, Roberto Mecelis e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros do seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49), por meio da conta bancária no Bradesco (237), Ag.3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envio-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antônio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto 34 - CEP 01258-010 - São Paulo - SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

e-mail: echusdoibate@gmail.com

Página do Facebook: [Ibateanos S Roque](https://www.facebook.com/IbateanosSRoque)

Echus do Ibaté nas Nuvens: <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate/>

Diagramação:

Juliana Messias - julimessias@gmail.com